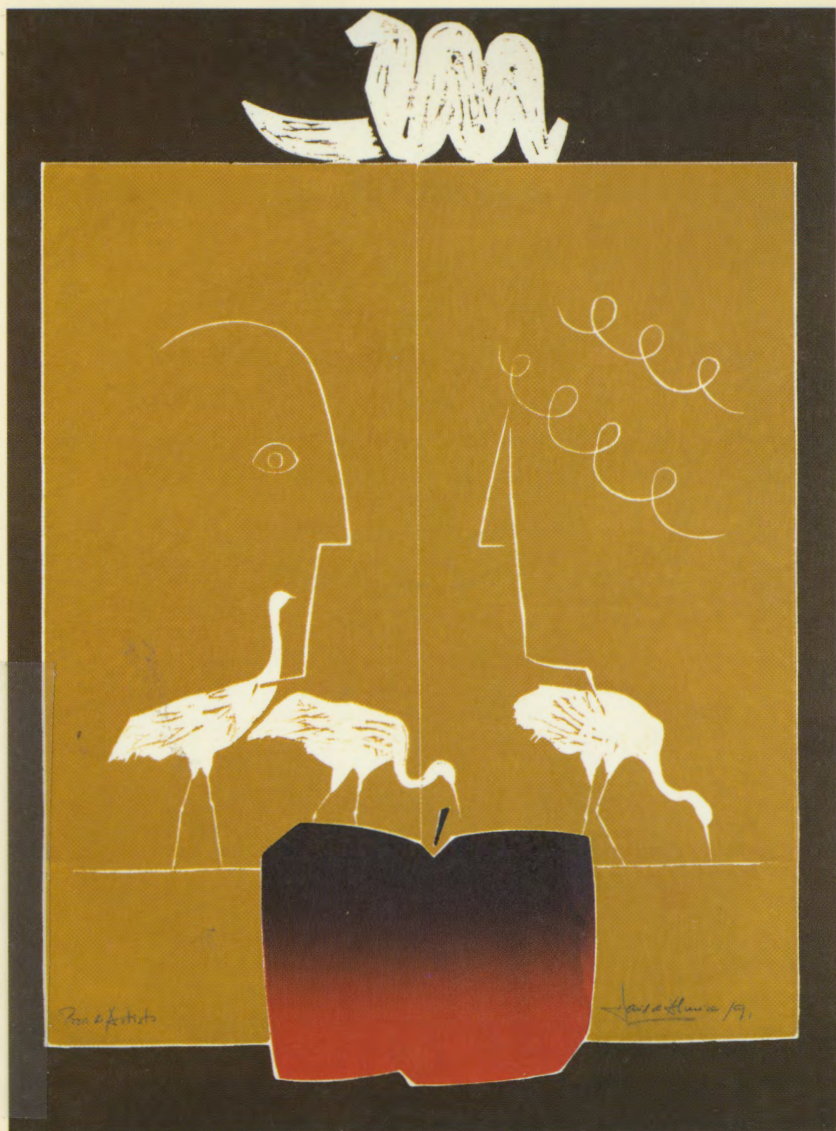


PEDRO BANDEIRA FREIRE

TEATRO

TREVAS BRANCAS • FECHADO AOS DOMINGOS
A MAÇÃ DE ADÃO • MACACOS NO SÓTÃO



Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

PEDRO BANDEIRA FREIRE



TREVAS BRANCAS
FECHADO AOS DOMINGOS
A MAÇÃ DE ADÃO
MACACOS NO SÓTÃO

Prefácio de Luiz Francisco Rebello

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

2001

Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação

Freire, Pedro Bandeira, 1939-

Trevas Brancas, Fechado aos Domingos, A Maça de Adão e Macacos no Sótão
(Autores de língua portuguesa)

ISBN 972-20-1678-4

CDU 821.134.3-2“19”



Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Cintura do Porto

Urbanização da Matinha, Lote A, 2.º C

1900-649 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

© 1999, Pedro Bandeira Freire e Sociedade Portuguesa de Autores

Esboços de cenário (maqueta e planta) da peça
«Fechado aos Domingos» da autoria de Octávio Clérigo

Revisão tipográfica: Francisco Paiva Boléo

1.ª Edição: Abril de 2001

Depósito Legal n.º 161 871/01

Pré-impressão: Espaço 2 Gráfico

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa e Filhos, Lda.

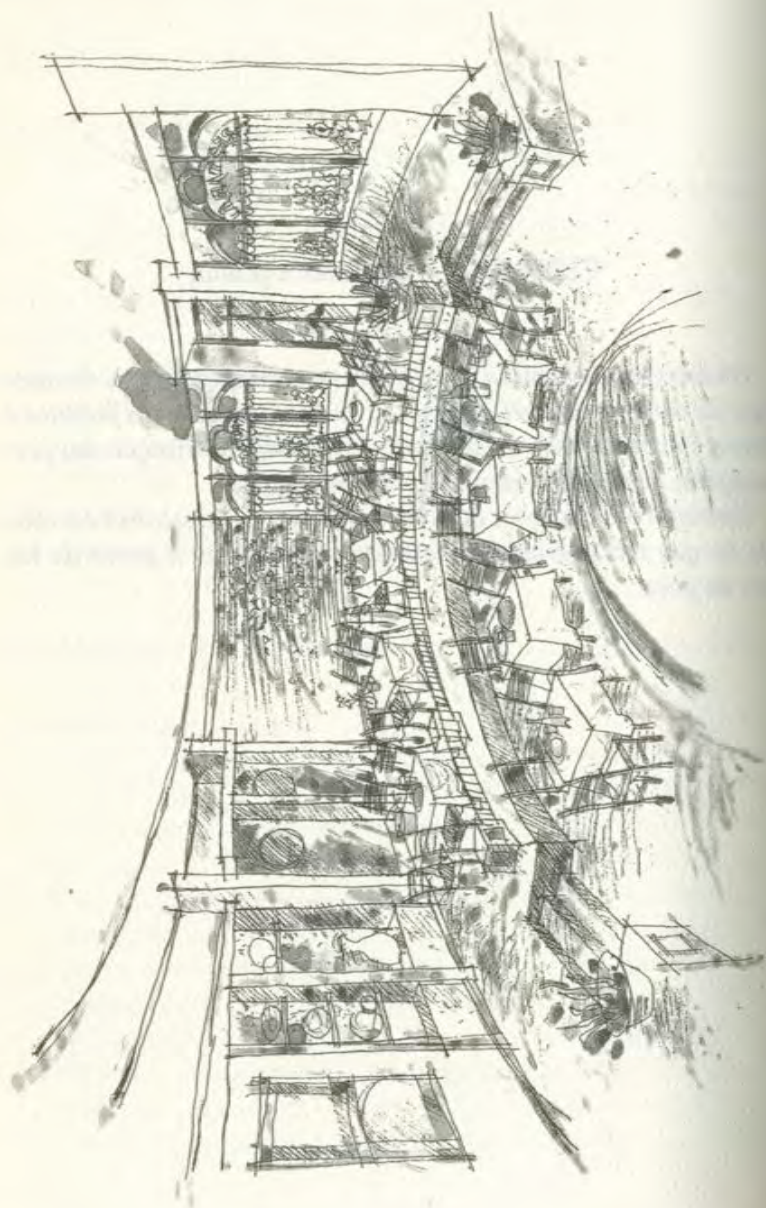
ISBN: 972-20-1678-4

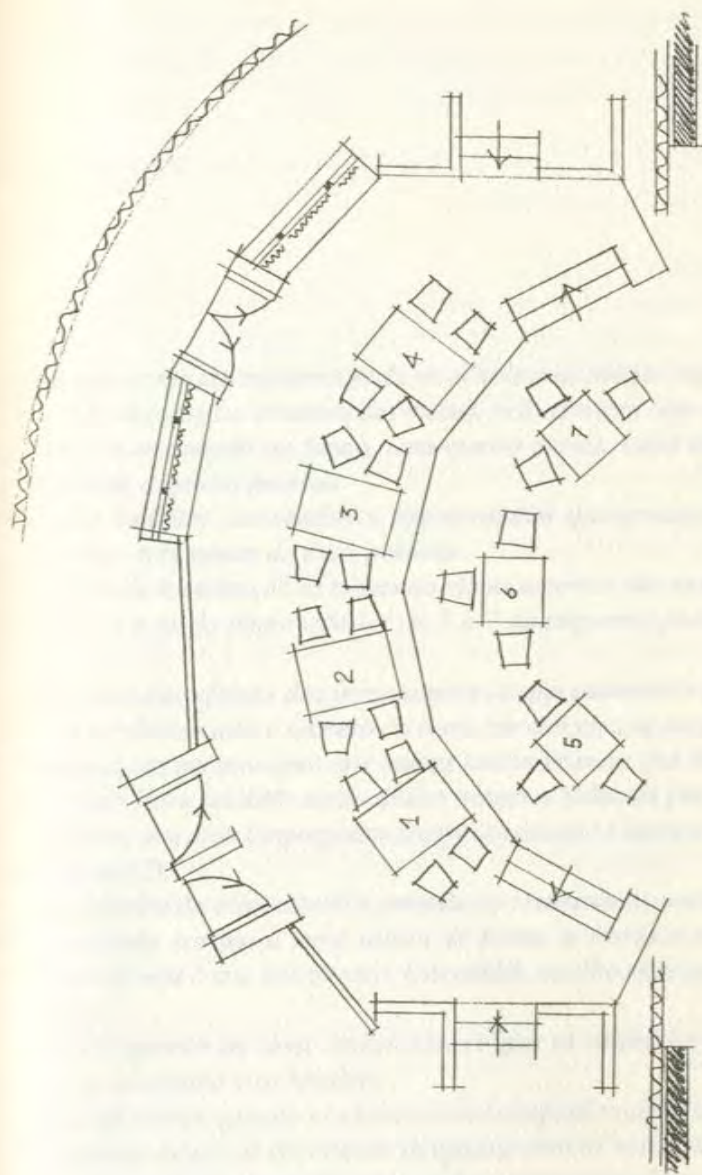
FECHADO AOS DOMINGOS

CENÁRIO — Maquete e planta

Os esboços que aqui se apresentam servem apenas para dar uma ideia de como é possível realizar o cenário e ainda para facilitar a leitura e compreensão do texto, no sentido da localização das personagens, quando das suas intervenções na peça.

Desta forma, qualquer outra interpretação será possível em relação ao que o cenógrafo e encenador possam fazer a partir da leitura da peça.





A cena representa um restaurante de nível acima da média (o que se revela pela decoração, arranjos das mesas, pelo serviço) com um plano superior encostado ao fundo, com quatro mesas, cada uma delas destinada a quatro pessoas.

No plano inferior, encostadas a um varandim que protege o plano superior, três mesas de duas pessoas.

Para efeito de localização as mesas do plano superior são numeradas de 1 a 4 e as do plano inferior de 5 a 7 da esquerda para a direita.

Assim, antes das «falas» das personagens de que ouvimos o que dizem aparecerá indicado o número da mesa em que elas se encontram, enquanto as personagens das outras mesas mimam que continuam a falar. Para facilitar serão dados nomes a todas as personagens excepto aos dois Empregados (respectivamente Empregado 1 e Empregado 2).

Do lado direito da cena estará a entrada do restaurante, porta e montra com uma cortina a meia altura de forma a ver-se a rua, embora não se veja o seu movimento. Um cabide acolhe os respectivos abafos.

Do lado esquerdo da cena «adivinha-se» que aí estará localizada a copa, a cozinha e os lavabos.

A cena está aberta quando os espectadores ocupam os seus lugares e já algumas mesas se encontram ocupadas com as respectivas personagens que falam entre si embora não se distinguindo o que dizem. São elas:

MESA 1

À direita da mesa, Irene, mulher de mais ou menos 40 anos um pouco gastos mas que ainda conserva traços de beleza. Em frente dela, Nuno, 50 anos vividos.

Mesas 2 e 3 sem ninguém. A 2 pronta a ser utilizada e a 3 a ser posta pelo Empregado 2.

MESA 4

Ocupada por três homens de negócios que cedo conheceram uma certa prosperidade. À direita, ao fundo, Amaral, a seu lado Teixeira. Em frente de Amaral encontra-se Dias.

MESA 5

Duas mulheres face a face. À esquerda Helena, vinte e muitos, trinta e poucos anos de aspecto sereno. À direita Otília, trinta e muitos, quarenta e poucos anos.

MESA 6

Casal jovem de vinte e tal anos. Cristina e Eduardo. Bonitos e visivelmente apaixonados.

MESA 7

Sem ninguém.

Quando as luzes da sala se apagam todas as personagens em cena falam ao mesmo tempo e por isso mesmo não se percebe o que dizem. (Eventual música de fundo).

Pela direita, entrada do restaurante, entra Joaquim acompanhado pela mulher Céu, o filho Gonçalo e a futura nora Joana.

Empregado 1: vai buscar as listas e acorre a recebê-los.

MESA 1

NUNO: Traz-me mais um whisky!

EMPREGADO 1: É só um momento! *(Para o colega)* Atende ali.

IRENE: Não bebas mais...

NUNO: Que mal faz?

EMPREGADO 1: Boa-noite! *(À direita, com os clientes recém-entrados.)*

JOAQUIM: Somos quatro!

Depois de terem deixado os casacos no cabide, Joaquim, Céu, Joana e Gonçalo seguem Empregado 1 que os senta na mesa 2 e entrega-lhes as listas. Empregado 2 serve o whisky a Nuno na mesa 1 e vai acabar de pôr a mesa 3. Joaquim, Amaral e Teixeira trocam um breve cumprimento de cabeça.

MESA 2

EMPREGADO 1: Desejam tomar algum aperitivo?

JOAQUIM: Eu tomava um *Jameson*. Com água. E vocês?

EMPREGADO 1: (*Perante a hesitação*) Posso sugerir um Moscatel de Setúbal?

CÉU: Acho boa ideia!

JOANA: Vou experimentar!

GONÇALO: Eu não! Traga-me uma cerveja. Têm de pressão? (*Perante o assentamento do Empregado 1*) Isso mesmo.

EMPREGADO 1: *Vai buscar as bebidas. Empregado 2 é chamado por Amaral.*

MESA 4

AMARAL: Traga outra garrafa de vinho. *Empregado 2 executa.*

MESA 5

HELENA: Penso que deveríamos fazer o possível por sermos melhores pessoas.

OTÍLIA: Bem sabes que é difícil. A vida leva-nos a fazer as coisas, sei lá, muitas vezes como não queremos...

HELENA: Mas devia haver prioridades.

OTÍLIA: Foi como o que aconteceu entre ti e o Alexandre.

HELENA: Não fales nisso.

OTÍLIA: O Tolstoi aos oitenta e dois anos ainda achava que não podia ficar calado.

HELENA: Mas devias estar calada!

OTÍLIA: Pode ser! Mas esse teu caso com o Alexandre sempre me fez confusão. E não posso deixar de reconhecer que me magoou. Profundamente, se queres saber.

HELENA: Mas foi há três anos. Hoje estou mais velha. Ultrapassa isso...

OTÍLIA: Mais velha e mais bonita. É verdade! Não envelheces!

HELENA: Pois claro! Como a Ingrid Bergman que nunca envelheceu...

OTÍLIA: ... Porque se esqueceu de o fazer. Eu sei!

HELENA: Eu e o Alexandre, se calhar na altura sentimo-nos tão mal como tu.

OTÍLIA: Não sabes nem imaginas o que sentia.

HELENA: No fundo só dormimos umas quantas vezes.

OTÍLIA: Mas o que os ligava e sei lá se ainda liga vinha desde sempre. Era uma coisa inevitável que tinha de acontecer mais dia menos dia. E isso era o que eu sentia. Senti sempre. O que senti depois na ocasião até penso que perdeu a importância.

HELENA: Não fiquei com ele, pois não?

OTÍLIA: Não. Na verdade não ficaste...

MESA 1

NUNO: Conheces o Bela Bartok?

IRENE: O bar ou o compositor?

NUNO: Os dois! São o mesmo! É como o João Sebastião. O bar e o Bach.

IRENE: Mas por que te lembraste do Bartoque agora?

NUNO: Porque nos restaurantes assim penso sempre. Um homem como ele morto de fome em Nova Iorque. Não dá para entender. *(Enquanto travam esses diálogos o Empregado 2 foi servir o vinho à mesa 4 e o Empregado 1 depois de ter aceitado o pedido da mesa 2 e recolhido as listas vai à direita onde acabam de entrar Ana e Álvaro. Ambos de trinta e tal anos. Ela bem parecida.)*

EMPREGADO 1: Boa-noite! Como estão? Dois?

ÁLVARO: Dois! Só nós dois!

ANA: *(Rindo)* — Só nos dois é que sabemos...

EMPREGADO 1: Se me dão licença podem ficar já aqui. *(Indicou-lhes a mesa 7 e entregou-lhes as listas).*

ÁLVARO: Para já traga-nos uma daquelas tábuas de enchidos.

ANA: E os cogumelos salteados, se faz favor.

ÁLVARO: Deixe-me ver a lista dos vinhos.

EMPREGADO 1: Tinto, não é?

ANA: Claro! *(para Álvaro)* — como tu costumás dizer — vinho é tinto, branco é refresco e verde é a garrafa.

EMPREGADO: O Sr. Doutor não quer o habitual?

ÁLVARO: Pode ser! Sim, sim...

ANA: Por mim está óptimo! *(O Empregado afasta-se).*

MESA 4

DIAS: Pois eu não consigo dormir toda a noite. Acordo e depois adormeço outra vez.

AMARAL: Bebe uns copos e é remédio santo.

TEIXEIRA: Tenho uns comprimidos que te podem ajudar a dormir.

DIAS: Não tomo comprimidos. Nunca tomei. É um hábito!

AMARAL: Que raio de hábito esse de não tomar comprimidos. Conheço é gente que tem o hábito de os tomar.

DIAS: Também tenho o hábito de não dormir toda a noite. E é curioso, acordar a meio da noite e pensar em toda a gente que estará a dormir.

AMARAL: O teu mal é sono! (*Ri-se*).

DIAS: Há noites que acordo e vou para o escritório ler um pouco.

TEIXEIRA: Não lêes na cama?

DIAS: Não! Não gosto. Depois de ler volto para a cama e durmo outra vez.

MESA 2

CÉU: Eu seria incapaz de trabalhar junto de crianças deficientes.

JOAQUIM: Eu também!

CÉU: Teria uma espécie de vergonha permanente que me bloqueava.

JOANA: É uma questão de hábito! E também é verdade que as crianças precisam de alguém.